

## OS ARGONAUTAS DO PACÍFICO OCIDENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

*Ivanessa Sanches Mancio\**

*Marcus Vinicius Leão Azevedo de Sena\*\**

O presente artigo busca construir uma perspectiva do campo religioso brasileiro e aventar possibilidades e problemas na direção de uma história do tempo presente da religião. Primeiro, tratar-se-á de apreender a configuração do ensino religioso escolar brasileiro atual em seus traços gerais, à luz do projeto político pedagógico desenvolvido em uma escola municipal de Belém em Mosqueiro<sup>1</sup>. Feito isto, será relatado à experiência do projeto escolar realizado por dois professores, sendo um de Ensino Religioso e outro de Língua Portuguesa, acercando-se de temas como sociedade, identidade, filosofia e ética.

O projeto desenvolvido em sala de aula tinha com o objetivo apresentar um resumo criado pela professora de Língua Portuguesa, sobre a obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* aos alunos, e após a leitura o professor de Ensino Religioso propôs que os mesmos escolhessem uma ilha no mundo e descrevessem suas características, econômicas, culturais e religiosas, buscando como resultado a compreensão dos alunos sobre a realidade social e cultural das ilhas pesquisadas, realizando ao término da pesquisa uma comparação com a realidade existente das ilhas pesquisadas com a ilha de Mosqueiro.

No decorrer do projeto a terminologia da palavra “Argonautas” foi trabalhada com os alunos, em ambas as disciplinas, como sendo uma palavra de tradição grega. De acordo com a mitologia grega, os **Argonautas** compuseram uma expedição que buscava o **Velocino de Ouro**<sup>2</sup>, a lã de ouro de um carneiro alado. A palavra também é utilizada para descrever os expedicionários que viajam pelo mundo descobrindo e rotulando novas ilhas.

Na obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*<sup>3</sup>, o autor Malinowski<sup>4</sup> faz uma descrição dos métodos utilizados na recolha do material etnográfico. O autor declara que a linha que separa os

\* Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará, e-mail: [vanessa\\_mancio@hotmail.com](mailto:vanessa_mancio@hotmail.com).

\*\* Mestrando de Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, e-mail: [marcus\\_leao02@hotmail.com](mailto:marcus_leao02@hotmail.com).

<sup>1</sup> A ilha de Mosqueiro é um distrito administrativo do município de Belém. É uma ilha fluvial localizada na costa oriental do rio Pará, um braço sul do rio Amazonas, em frente à baía do Marajó. Apresenta área de aproximadamente 212 km<sup>2</sup> e está localizada a 70 km de distância do centro de Belém. Possui 17 km de praias de água doce com movimento de maré. O termo “Mosqueiro” é originário da antiga prática do “moqueio” do peixe pelos indígenas tupinambás que habitavam a ilha.

<sup>2</sup> De acordo com a lenda quando Éson foi destronado por Pélias, seu filho, Jasão, teria retornado logo após atingir a maioria para retomar o trono que lhe pertencia. Para livrar-se da ameaça de Jasão, Pélias o ordenou que fosse em busca do Velocino de Ouro, o que seria suficientemente arriscado para poder eliminar o jovem pretendente ao trono. Para realização da tarefa, um mensageiro foi enviado por toda a Grécia para convocar heróis interessados em participar de empreitada. Ao fim da jornada desse arauto, cerca de 50 jovens heróis de grande valor e renome se apresentaram para cumprir a tarefa. Cada um deles ofereceu suas habilidades específicas para auxiliar na expedição. Argos, filho de Frixo, foi quem construiu o navio que levaria os jovens heróis e, por isso, a embarcação recebeu o nome de Argo e seus tripulantes ficaram conhecidos como Argonautas.

<sup>3</sup> *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* é o título do livro do antropólogo anglo-polonês Bronisław Malinowski (1884-1942) publicado em 1922, com prefácio de James Frazer (1854 - 1941), considerado a primeira etnografia e precursor do uso etnográfico da fotografia. É o relato do trabalho de campo do autor, entre 1914 e 1918 nas Ilhas Trobriand,

resultados da observação direta e as declarações e interpretações nativas das inferências do autor baseadas no seu senso comum e capacidade de penetração psicológica só pode ser traçada com base em fontes etnográficas.

Na Etnografia<sup>5</sup>, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador; e embora as suas fontes sejam, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos. Na Etnografia, a distância entre o material informativo bruto, tal como se apresenta ao investigador nas suas observações, nas declarações dos nativos, no caleidoscópio da vida tribal, e a apresentação final confirmada dos resultados é, frequentemente, enorme.

O Etnógrafo tem que salvaguardar essa distância de anos laboriosos, entre o momento em que desembarca numa ilha nativa e faz as suas primeiras tentativas para entrar em contacto com os nativos e o período em que escreve a sua versão final dos resultados.

Os princípios do método podem ser agrupados em três itens principais: em primeiro lugar, como é óbvio, o investigador deve guiar-se por objetivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna; em segundo lugar, deve providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efetivamente entre os nativos, longe de outros homens brancos; finalmente, deve recorrer a certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas.

O pesquisador Malinovski teve de aprender a comportar-se e, até certo ponto, adquirir a sensibilidade, para o que entre os nativos se considerava boas más maneiras. Foi graças a isto, e à capacidade em apreciar a sua companhia e partilhar alguns dos seus jogos e diversões, que ele começou a sentir em verdadeiro contacto com os nativos. E esta é, certamente, a condição prévia para poder levar a cabo com êxito o trabalho de campo.

Porém, o Etnógrafo não tem apenas de lançar as redes no local certo e esperar que algo caia nelas. Tem de ser um caçador ativo e conduzir para lá a sua presa e segui-la até aos esconderijos mais inacessíveis.

O Etnógrafo tem de inspirar-se no conhecimento dos resultados mais recentes da pesquisa científica, nos seus princípios e objetivos. Malinovski não desenvolve sobre este assunto, exceto numa chamada de atenção, para evitar a possibilidade de equívoco. Segundo o pesquisador, estar treinado e atualizado teoricamente não significa estar carregado de ideias preconcebidas<sup>6</sup>. Se alguém empreende uma missão, determinado a comprovar certas hipóteses, e se é incapaz de a qualquer momento alterar as suas perspectivas e de as abandonar de livre vontade perante as evidências, escusado é dizer que o seu trabalho será inútil. Mas quantos mais problemas o etnógrafo levar para o campo, quanto mais habituado estiver a moldar as suas teorias aos fatos e a observar estes últimos na sua relação com a teoria, em melhores condições se encontrará para trabalhar. As ideias preconcebidas são prejudiciais em qualquer trabalho científico, mas a prefiguração de problemas é o dom principal do investigador científico, e estes problemas são revelados ao observador, antes de mais, pelos estudos teóricos.

A recolha de dados concretos sobre uma vasta gama de fatos é, portanto, um dos pontos principais no método do trabalho de campo. O dever obriga não à mera enumeração de alguns

---

inaugurando um novo método de trabalho de campo: a etnografia. A ideia principal do livro é mostrar, através da visão antropológica, como acontece o kula - sistema de trocas circular, místico e sem noção de posse permanente, que influencia a vida e as instituições dos nativos em sua quase totalidade.

<sup>4</sup> Bronisław Kasper Malinowski nasceu na [Cracóvia](#) em [7 de Abril](#) de [1884](#) e morreu em [New Haven](#) em [16 de Maio](#) de [1942](#). Ele é considerado um dos fundadores da [antropologia social](#). Sua principal contribuição à antropologia foi o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente com o povo Mailu (1915) e posteriormente com os nativos das Ilhas Trobriand (1915-16, 1917-18).

<sup>5</sup> A etnografia é por excelência o método utilizado pela [antropologia](#) na coleta de dados. Baseia-se no contato inter-subjetivo entre o antropólogo e o seu objeto, seja ele uma [tribo indígena](#) ou qualquer outro grupo social sob o qual o recorte analítico seja feito. A base de uma pesquisa etnográfica é o trabalho de campo.

<sup>6</sup> Ideias preconcebidas são todas as opiniões e costumes que implantamos na nossa vida sem o mínimo de pesquisa ou crítica. Ideias preconcebidas podem ser também preconceitos e discriminações.

exemplos, mas ao enunciado tanto quanto possível exaustivo de todos os casos verificados; e, nesta recolha de casos, quanto mais claro for o mapa mental maior será o seu êxito. Mas, sempre que os dados da pesquisa o permitirem, este mapa mental deve ser transformado em algo de concreto, materializado num diagrama, num plano ou numa tabela sinótica exaustiva dos casos verificados.

As considerações feitas até aqui indicam então que o objetivo do trabalho de campo etnográfico deve ser alcançado através de três vias:

1) A organização da tribo e a anatomia da sua cultura deve ser registrada num esquema firme e claro. O método de documentação concreta e estatística é o meio a utilizar para a definição desse esquema.

2) Dentro desta trama, devem ser inseridos os imponderabilia da vida real e o tipo de comportamento. Os respectivos dados devem ser recolhidos através de observações minuciosas e detalhadas, sob a forma de uma espécie de diário etnográfico, só possível através de um contacto íntimo com a vida nativa.

3) Deve ser apresentada uma recolha de depoimentos etnográficos, narrativas características, ocorrências típicas, temas de folclore e fórmulas mágicas sob a forma de um corpus inscriptionum, como documentos da mentalidade nativa.

Estas três linhas de abordagem levam ao objetivo final que um Etnógrafo nunca deve perder de vista. Este objetivo é, resumidamente, o de compreender o ponto de vista do nativo, a sua relação com a vida, perceber a sua visão do seu mundo. Temos de estudar o Homem e devemos estudar o que mais profundamente o preocupa, ou seja, aquilo que o liga à vida. Em cada cultura, os valores são ligeiramente diferentes; as pessoas aspiram a fins diferentes, seguem impulsos diferentes, anseiam por diferentes formas de felicidade. Em cada cultura encontramos diferentes instituições através das quais o homem persegue os seus interesses, diferentes costumes pelos quais satisfaz as suas aspirações, diferentes códigos de leis e moralidade que recompensam as suas virtudes ou punem os seus erros. Estudar as instituições, costumes e códigos ou estudar o comportamento e a mentalidade sem o empenho na compreensão subjetiva do sentimento que as move, sem perceber a essência da sua felicidade é, em minha opinião, desprezar a maior recompensa que podemos esperar algum dia obter a partir do estudo do Homem.

O trabalho obteve resultado positivo, pois despertou nos alunos a pesquisa e análise de outras culturas, através a investigação bibliográfica, além de despertar a curiosidade para debruçar-se em outros conhecimentos.

A pesquisa fomentou a capacidade do aluno de se relacionar com seu próprio entendimento em relação análise das ilhas e o que elas representam para a sociedade, além de compreenderem que a cultura e a religião são formas eficientes de estudo da antropologia do conhecimento e compreensão de uma sociedade.

É importante ressaltar que da interdisciplinaridade dos professores surgiu um espaço para pesquisa e discussão em grupo, estimulando o interesse dos alunos. Com certeza, com essa abertura, o sucesso aconteceu, pois os alunos, motivados e envolvidos no trabalho, produziram muito mais do que era esperado.

Sendo assim, os educandos corresponderam ao conteúdo da pesquisa proposto, pois analisaram diferentes ilhas, com características peculiares, culturas com aspectos diversificados, além de traçarem traços comuns entre essas diferentes ilhas. Também seguiram as ideias de Maninowisk, pois em suas etnografias descreveram a vontade de entrar em contato com essas novas culturas descobertas. Por fim, recolheram dados relevantes das culturas, aspectos religiosos, costumes e como elas se manifestam em cada cultura.

## REFERÊNCIAS

CNBB. *Ensino Religioso no cenário a educação brasileira*. Edições CNBB, 2007.

COELHO, Wilson d Nazaré Baía; SANTOS, Raquel Amorim dos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. *Educação e diversidade na Amazônia*. São Paulo: Editora livraria da física, 2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

NOGUEIRA, Salvador. Mitologia: deuses, lendas, heróis. *Superinteressante*. São Paulo. Ed. Abril, 2012.

PASCARELLI, Nelson Filho. *Educando para preservação da vida*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

SARAIVA, Kandy S. de Almeida; OLIVEIRA, Rogério Carlos G. de. *Saraiva Jovem*: dicionário da língua portuguesa ilustrada. São Paulo: Saraiva, 2010.